**CURRÍCULO COMO FIGURA**

Sulamita Inácio Freire

CAp/UFRJ – ProPEd/UERJ

Resumo

Desenvolvida a partir de uma pesquisa em andamento em recorte pós-estrutural e pós-humanista, esta proposta de trabalho desloca a pensar currículo como *figura* (Haraway, 2022). *Figura* não como representação ou interpretação de qualquer coisa, mas como zona de contato cuja topologia ambivalente, porosa e sempre a se modificar provoca a imaginar uma estética da transformação. Uma estética simultaneamente ética e política que diz respeito à criação de espaço-tempo-materialização que mundifica o mundo. A partir desta chave, defende-se que currículo, assim como a vida, acontece estando/não estando, lá e cá, a todo instante,  na assunção do risco impossível de invadir e ser invadido pelo desconhecido que afeta, transforma e faz movimentar quer queira ou não.

Palavras Chaves: Educação; Currículo; Estética; Transformação.

Este trabalho emerge a partir de uma pesquisa em andamento que propõe pensar *escola* como *figura* (Haraway, 2022) topologicamente trêmula, instável, porosa, que a todo tempo transforma e é transformada, estetizando-a por meio de uma estética outra, que não tem relação com representação/interpretação, beleza/feiura, mas, sim, com um movimento friccional entre tudo e todos que mundifica o mundo. Uma proposta radical que interroga as limitações e (im)possibilidades da “teoria curricular, entendida como discurso normativo que delimita o que pode ser significado como currículo e, em certa medida, como educação e escola” (Macedo, 2017, p.359) borrando-a, abrindo-a por meio dela mesma. Sabe-se que a estetização do currículo não é novidade, como bem coloca Anderson Ignácio Oliveira em sua tese *Estetização da Teoria Curricular* (2023). Segundo Oliveira, diferentes curriculistas brasileiros procuram escapar da previsibilidade e da racionalização curricular por meio da estetização e o fazem por caminhos diversos, de maneira que não há fórmulas prontas ou certas para estetizar. Ao lado da filosofia de Lyotard, para quem a “estetização inviabiliza [...] a instituição de uma língua universal que torne possível a síntese entre jogos de linguagem ou o estabelecimento de critérios universais” e há sempre abertura “para que outras formas de estetização aconteçam” (p.18), o pesquisador rejeita uma escrita messiânica ou mesmo qualquer tipo de messianismo. Os messiânicos, segundo ele, “querem salvar o mundo, para conduzi-lo à bem-aventurança. [...]. Opõem-se ao estético” (p.197) na busca por um plano universal que tenta aniquilar a diferença. Paradoxalmente, contudo, o pesquisador conta que a ideia de messianismo ainda hoje reverbera em meio a alguns “que levam adiante uma prática estética” (p.197). Acontece que, na sua leitura, esses últimos, na ânsia por resolverem os problemas do mundo, trocam “educação racional” por “sensibilidade” e a apresentam como meio para um determinado fim, instrumentalizando-a como coisa a ser aplicada para formatar um “indivíduo” melhor, “promovendo o controle do outro”  (p.197), assim como fazem aqueles aos quais costumam se opor e criticar. Esse paradoxo leva Oliveira a defender que “O jogo educacional pode [tanto] ser um programa de controle da vida do outro, como no messianismo, [quanto] [...] pode caminhar para o experimentalismo, ao quebrar com todas as representações na aproximação ao inapresentável” (p.197), à invenção estética, abrindo-o à acontecimentalidade no encontro com o que chega. E, uma vez que, como dito anteriormente, o currículo tem a potência de normalizar o que se compreende por realidade (Oliveira, 2022; Macedo, 2017), pensar como ele acontece e pode acontecer de maneira a alargá-la ao ampliar as possibilidades de reconhecimentos e agenciamentos outros, importa. É, então, ao lado de Oliveira que a pesquisa que aqui apresento se coloca e propõe ir um pouco mais longe, abrindo a uma estética outra, para além da ideia de jogos de linguagem, que se assenta sobre um movimento performático de mundo que cria *figuras* (Haraway, 2022) que “ajudam a agarrar por dentro a carne dos emaranhamentos mortais de fazer-mundo” e podem ser pensadas como “zonas de contato” (Haraway, 2022, p.11).  De maneira que “não são representações nem ilustrações didáticas, e sim nódulos materiais-semióticos ou laços nos quais diversos corpos e sentidos conformam uns aos outros” (Haraway, 2022, p.11). Uma estética que se relaciona à transformação, à fricção que cria espaço-tempo-materialização (Barad, 2007) que mundifica o mundo. Algo próximo do que Carlos Fausto, em seu livro Ardis da Arte, denomina como estética ameríndia, “na qual as imagens são ambíguas e com múltiplos referentes, encaixam-se umas nas outras e replicam-se ao infinito, produzindo uma topologia equívoca e uma oscilação dinâmica entre figura e fundo” (Fausto, 2023, p.303). Um deslocar estético da ideia de representação/interpretação, da verossimilhança com uma suposta ideia de real e de verdade para o da transformação, da ambivalência, da porosidade. Nesse deslocar, aquilo e aqueles que estão no mundo “[...]são constituídos em intra- e interação. Os parceiros não precedem o encontro; espécies de todos os tipos, vivas ou não, resultam de uma dança de encontros que molda sujeitos e objetos”(Haraway, 2022, p.11). Ou seja, tudo e todos são ontologicamente indeterminados antes de se se encontrar. De modo que encontros agem como práticas de enfronteiramento, sempre porosos, que criam *figuras instáveis* que se reconfiguram, transformam-se, na medida que outros encontros acontecem. Encontros criam *seres/coisas corriqueiros/as (Barad, 2007; Haraway, 2022)* enlaçados/as, que produzem sentidos e misturam-se àqueles/as que as respondem em reorganizações imprevisíveis. Assim, é possível pensar que currículo, escola, educação, entre tantos outros nomes/coisas/etc que são reiterados continuamente mundificando o mundo no qual vivemos e agimos, emergem como *figuras* a partir de encontros que as configuram e reconfiguram a todo tempo em múltiplas direções. Consequentemente, qualquer ideia de escrita/pesquisa/projeto que entende  *partir de* ou seja *para* um sujeito pronto, autônomo e autoconsciente, que faz a si mesmo, torna-se inviável. Um chacoalhar de ideias que põe em xeque a centralidade humana em meio às outras espécies (vivas ou não) e entende a vida e a morte na Terra - assim como a escola, o currículo ou mesmo este texto -, como um jogo complexo entre tudo e todos em infinitas direções. Nesse jogo é o

[...]toque [que] ramifica e molda a prestação de contas. Prestar contas , cuidar, ser afetado e entrar na responsabilidade não são abstrações éticas; essas coisas mundanas e prosaicas são o resultado de nos envolvermos uns com os outros. O toque não torna alguém pequeno; salpica os parceiros com locais de vínculo para a mundificação. Tocar, considerar, devolver o olhar, devir-com… tudo isso nos torna responsáveis pelas maneiras imprevisíveis nas quais os mundos tomam forma. No toque e no olhar, os parceiros, querendo ou não, estão na lama miscigenada que infunde nosso corpo com tudo o que trouxe esse contato à existência. (Haraway, 2022, p.58).

Uma aposta que “não se trata de algo totalmente novo, em oposição ou fora do mundo que está aí” (Macedo e Miller, 2022, p.10), mas que muitas vezes não é assumida nos limites que regem a realidade e insistem em ontologias substantivas em prol de projetos de futuros imaginados (Macedo e Miller, 2022, p.10). Aqui,  currículo não pede licença e não tem ponto final, acontece estando/não estando, lá e cá, a todo instante,  na assunção do risco impossível de invadir e ser invadido pelo desconhecido que afeta, transforma e faz movimentar quer queira ou não. Alicerça-se não em uma linguagem única universal, em uma ideia “certa” de entendê-lo/fazê-lo, ou mesmo em jogos de linguagem ainda voltados à esfera humana, mas numa “poderosa e herética heteroglossia” (Haraway, 2009, p.99) entre tudo/todos (bióticos, abióticos, coisas, etc.) envolvidos em suas parcialidades e contigencialidades históricas na relação, no fazer-com. Uma possibilidade - quem sabe? - de habitar a imensa confusão do vir a ser curricular sem objetificá-la ou reduzi-la a isto ou aquilo.

Referências:

BARAD, Karen. **Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning.** Duke University Press, Durham, 2007.

FAUSTO, Carlos. **Ardis da Arte: Imagem, Agência e Ritual na Amazônia.** Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2023.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema.** Tradução de Ana Luiza Braga. n-1edições: 2023.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Manifesto Ciborgue** in Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano. p.33-118. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram.** Tradução de Juliana Fausto. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MACEDO, Elizabeth; MILLER, Janet. L. **Por um currículo “outro”: autonomia e relacionalidade.** Currículo sem fronteiras, v.22: e1153, 2022.

MACEDO, Elizabeth. Mas a escola não tem que ensinar?: conhecimento, reconhecimento e alteridade na teoria do currículo. **Currículo sem Fronteiras**, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 539-554, set./dez. 2017. Disponível em: [www.curriculosemfronteiras.org/vol17iss3articles/macedo.pdf](http://www.curriculosemfronteiras.org/vol17iss3articles/macedo.pdf). Acesso em: 25 de jan. 2024.

OLIVEIRA, Anderson I. **Estetização da teoria curricular.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.